

SAÚDE MENTAL DOCENTE: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO COTIDIANO DE TRABALHO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA ESTADUAL

MARLON FREITAS DE CAMPOS¹; MOACIR FERNANDO VIEGAS²

¹*Universidade de Santa Cruz do Sul – marlonfjp@gmail.com*

²*Universidade de Santa Cruz do Sul – mviegas@unisc.br*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho é a atividade que caracteriza a própria humanidade. A partir deste ponto, cabe destacar que a origem da educação também coincide com a origem do humano. Ou seja, na transformação da natureza, no próprio ato de trabalhar, nas relações entre homens e mulheres envolvidos na produção das condições para sua existência, dava-se o processo educativo validado pela própria experiência. Os métodos eficazes necessitavam ser transmitidos para as gerações seguintes.

A forma como foi descrita a relação entre trabalho e educação é característico de um período anterior à propriedade privada, em que o trabalho se dava com a apropriação coletiva dos meios que garantiam a produção de sua existência enquanto espécie humana. Essa relação foi mudar drasticamente com a apropriação privada das terras e a divisão do trabalho. Ou, dito de outra maneira, a educação muda suas características a partir do surgimento de classes de proprietários e não-proprietários. É o modelo de educação desenvolvido para atender o interesse da classe proprietária que dará origem à escola.

A educação, desta forma, é marcada por continuidades e descontinuidades, por permanências e rupturas, estando essas mudanças, ao menos as mais significativas, relacionadas às transformações no modo de produção. Há uma radical transformação na educação na passagem do modo de produção comunal ao modelo escravista, e quando esse é rompido pela ordem feudal, faz surgir um novo modelo de escola. O advento do capitalismo e a preponderância da indústria moderna, nesse sentido, representam uma nova forma de produção da existência humana que reorganiza as relações sociais, o trabalho e a educação.

É neste contexto, de modo de produção capitalista e fundamentalmente na escola que se dá, hoje, o trabalho docente. Esta pesquisa reconhece, portanto, a categoria docente enquanto “classe que vive do trabalho”, compartilhando com os demais trabalhadores a influência das condições gerais da economia capitalista, e sofrendo no seu cotidiano de trabalho os impactos dessas transformações. Esse trabalho, por sua vez, nunca é indiferente à saúde mental dos sujeitos, podendo atuar no fortalecimento da identidade e da saúde mental, mas também como gerador de sofrimento e adoecimento, contra o que os trabalhadores empregam estratégias de defesa do aparelho psíquico visando manter a “normalidade”.

No que se refere à saúde docente, diversas pesquisas têm demonstrado dados preocupantes de adoecimento, com incidência significativa de transtornos de ordem mental e comportamental. Estes transtornos estão entre os principais motivos de afastamento do trabalho pela categoria, como demonstram os estudos

de VIEIRA (2010), analisando o afastamentos de professoras das escolas da rede pública municipal de Pelotas (RS) entre os anos de 2006 e 2007; de LEAL e CARDOSO (2015), que constata que no final de 2013 o estresse e a depressão configuravam o segundo grupo de doenças que motivaram o afastamento de professores e professoras para tratamento de saúde em Santa Maria (RS; e de GASPARINI, BARRETO e ASSUNÇÃO (2005), em pesquisa sobre trabalhadores da educação de Belo Horizonte (MG), entre os anos de 2001 e 2003; para citar apenas alguns exemplos.

Embora esses estudos sirvam para reafirmar a importância do tema, são muito menos frequentes as pesquisas que têm abordado o trabalho docente a partir dos próprios trabalhadores, o que permite ter a dimensão da especificidade, do cotidiano, e das relações concretas no local de trabalho.

Este trabalho é resultado de reflexões ainda iniciais acerca do tema do trabalho docente e saúde mental, onde discutimos acerca das características do trabalho de professores da rede pública estadual, as transformações do trabalho docente e os impactos do trabalho na saúde mental. Atenta, ainda, às estratégias empregadas na busca pela preservação da saúde mental. Para tanto, utiliza o método qualitativo do tipo participante, optando por entrevistas semiestruturadas, privilegiando a construção de conhecimento a partir da reflexão dos professores sobre o próprio cotidiano de trabalho, utilizando como método de análise a análise de conteúdo.

2. METODOLOGIA

FREIRE (1981) apresenta o debate acerca das “relações concretas” que devem ser analisadas quando se busca conhecer determinada realidade, desta forma introduz a discussão dos elementos políticos e ideológicos envolvidos na pesquisa. Segundo o autor, a realidade concreta está para além dos dados frios tomados por eles mesmos, mas a eles se soma a percepção da população envolvida.

Assumindo essa perspectiva, a presente pesquisa situa-se no marco participativo das pesquisas qualitativas, assumindo uma postura colaborativa na produção de conhecimento e compreendendo a relação entre o mestrando-pesquisador e os professores e professoras participantes da pesquisa como um relação sujeito-sujeito. Tal concepção reconhece a população pesquisada como capaz e legítima para refletir e analisar sobre a própria realidade cotidiana, o que se diferencia de determinada concepção de ciência onde os participantes-objetos seriam meros fornecedores de dados. Desta forma, essa pesquisa assume seu caráter político que é intrínseco ao fazer ciência, mas que muitas vezes é velado sob o pretexto de “neutralidade”, e, sem perder a objetividade, busca analisar os fatos e dados referentes ao tema, ao mesmo tempo que considera a percepção que deles tenham os trabalhadores e trabalhadoras, que são a população diretamente envolvida.

Nesse sentido, o procedimento adotado na pesquisa é a entrevista individual semiestruturada, que se caracteriza por partir de perguntas básicas, ao mesmo tempo que oferece, logo em seguida, um amplo campo para novos questionamentos que surgem na medida que a entrevista se desenvolve. A

pesquisa conta com cinco entrevistas gravadas e transcritas, utilizando para análise dos dados o método de análise de conteúdo (TRIVINIOS, 1987).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora ainda esteja em fase de análise, já é possível identificar no conteúdo das entrevistas algumas categorias preliminares, tais como: 1) Carga de trabalho: contemplando questões referentes ao trabalho em sala de aula, o trabalho em casa, o trabalho burocrático, o acúmulo de funções, e a relação tempo trabalho/tempo família; 2) (Des)valorização do trabalho docente: evidenciando o sentimento de desvalorização pelos governos e a boa relação com os alunos; 3) Saúde e sofrimento: onde surgem questões como a (des)motivação para trabalhar, os afastamentos, os sintomas, e a medicalização; 4) Estratégias para organização do tempo; e 5) Estratégias de defesa.

Acerca da “Carga de Trabalho”, estudos associam altos índices e estresse e tensão ocupacionais em professores à sobrecarga de trabalho e conflitos com superiores e as normas (GASPARINI, BARRETO e ASSUNÇÃO, 2005). Outras questões relacionadas ao trabalho docente impactam a saúde mental do professorado, dentre elas, a organização do trabalho que tem limitado a autonomia dos professores através da atribuição cada vez maior de tarefas burocráticas, por exemplo (SOUZA, 2009).

No que se refere à desvalorização do trabalho docente, diversos autores (NEVES e SELIGMANN-SILVA, 2006; SOUZA, 2009) apontam que a “perda do prestígio” da categoria é está relacionada ao não reconhecimento social do trabalho docente. Embora, conforme DEJOURS (2013), a recompensa financeira não seja a principal fonte de reconhecimento (os trabalhadores esperam, antes de tudo, o reconhecimento simbólico, estando o reconhecimento material condicionado ao primeiro) a questão salarial é recorrente no relato dos trabalhadores participantes desta pesquisa.

Neste cenário, o trabalhador docente situa-se numa complexa dinâmica de prazer e sofrimento no trabalho, agindo sobre ele fatores de agravo à saúde mental, ao mesmo tempo que encontra fonte de prazer na execução da atividade. É preciso reconhecer, ainda, que os professores não são passivos neste processo, mas empregam estratégias que visam preservar sua saúde mental (DEJOURS, 1999).

4. CONCLUSÕES

Diversos estudos têm apontado questões referentes ao adoecimento da categoria docente. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) apontava, já em 1984, a categoria docente como “a segunda categoria profissional, em nível mundial, a portar doenças de caráter ocupacional” (BATISTA et al, 2011, p. 240), enquanto os transtornos psíquicos aparecem como principal causa de afastamento de professores (GASPARINI, BARRETO e ASSUNÇÃO, 2005). A maioria das pesquisas, entretanto, estão apoiadas fundamentalmente nos dados de afastamento.

Esses dados, contudo, ainda não são capazes de dar conta da complexidade do sofrimento docente, uma vez que nem sempre o sofrimento configura o aparecimento de patologias, já que contra ele o trabalhador aplica estratégias de defesa, por exemplo. Porém, mesmo nos casos em que o sofrimento apresenta tal gravidade que demanda dos trabalhadores afastamento da escola, eles nem sempre chegam ao órgão responsável pela concessão da licença, ou quando chegam a procurá-lo, o benefício nem sempre é concedido pela equipe médica.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como principal contribuição analisar o trabalho docente e os impactos à saúde mental a partir do olhar do cotidiano de trabalho e da percepção dos próprios professores, atentando, também, às defesas empregadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

DEJOURS, Christophe. A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, 33 [2]: 9 – 28. 2013.

FREIRE, Paulo. **Criando métodos de pesquisa alternativa**: aprendendo a fazê-lo melhor através da ação. In. C.R. Brandão (Org). Pesquisa Participante (pp. 34-41). São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEAL, Caren Luyara; CARDOSO, Eduardo Schiavone. Contribuições à análise das condições de trabalho e saúde dos professores de geografia do ensino básico público de Santa Maria, RS. **Revista Formação**, n.22, volume 1, p. 156-175, 2015

NEVES, Mary Yale Rodrigues; SELIGMANN-SILVA, Edith. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. **Estudos e pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro, ano 6, n. 1, p. 63-75, 1 sem. 2006.

SOUZA, Luís Aparecido Alves de. Trabalho docente: reflexões acerca da condição de trabalho e valorização do professor da escola pública. In. Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 9., 2009. Curitiba, PR. **Anais Eletrônicos...** Curitiba, PR. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2692_1603.pdf>. Acesso em 11jan. 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: editora Atlas, 1987.